

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KATIANE SANTOS ANJOS ROZENDO

**A LUDICIDADE EM MEIO ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE
MATEMÁTICA: UMA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL RIO FUNDO
III EM ESTÂNCIA - SE**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE) – BRASIL
2016**

KATIANE SANTOS ANJOS ROZENDO

**A LUDICIDADE EM MEIO ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE
MATEMÁTICA: UMA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL RIO FUNDO
III EM ESTÂNCIA - SE**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do prof^o Dr. Fábio Alves dos Santos.

SÃO CRISTÓVÃO (SE) – BRASIL
2016

KATIANE SANTOS ANJOS ROZENDO

**A LUDICIDADE EM MEIO ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE
MATEMÁTICA: UMA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL RIO FUNDO
III EM ESTÂNCIA - SE**

Aprovada em: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.º Dr. Fábio Alves dos Santos

Orientador

Prof.ª Drª Andréa Hermínia de Aguiar Oliveira

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder paciência e sabedoria, aos meus familiares, que muito me apoiaram ao longo do curso, em especial, ao meu esposo, José Torres, à minha mãe, Aurelina, ao meu sogro e à minha sogra, Dionízio e Zelma, obrigada por tudo sempre. Agradeço à minha amiga Layse e a avó dela, Gessi, por toda ajuda sempre e ao meu professor orientador Fábio Alves. Enfim, agradeço a todos aqueles que direta e/ou indiretamente contribuíram para a minha formação e para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente monografia tem como tema as práticas pedagógicas no ensino de matemática e a ludicidade no ensino: o caso da Escola Municipal Rio Fundo III. O objetivo central deste trabalho de conclusão de curso foi o de investigar as práticas educativas no ensino de matemática em uma realidade escolar específica, bem como averiguar o uso dos jogos educativos nesta prática pelos professores desta unidade escolar. Esta pesquisa surgiu por intermédio das aulas da disciplina Alfabetização Matemática, ministradas pela professora Simone Dam Zogaib, foi a partir de suas aulas que tive interesse em buscar mais conhecimentos sobre as práticas pedagógicas no ensino de matemática, sobre o lúdico no ensino desta disciplina. O presente trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, pois está baseada na relação entre o sujeito e o objeto de estudo, bem como de campo, que permitiu uma aproximação com alguns dos sujeitos que tecem a prática docente. A investigação proporcionou perceber que nas aulas em que os professores utilizam os jogos como ferramenta pedagógica, os alunos têm uma aprendizagem mais significativa.

Palavras-chave: Práticas educativas. Ludicidade. Ensino de matemática.

ABSTRACT

The present monography whose theme is the pedagogical practices in mathematics teaching and playful in teaching: the case of Rio Fundo III Municipal School. The main objective of this course conclusion work was to investigate the educational practices in mathematics teaching in a specific school reality as well as investigate the use of educational games in this practice by the teachers of this school reality. This research came through the lessons of the subject Mathematics Literacy which is taught by Teacher Simone Dam Zogaib, it was from her classes that I had in seeking more knowledge about the pedagogical practices in mathematics teaching on the playful in teaching of this subject. The present course conclusion work is about a bibliographical research of qualitative nature, because it is based on the relationship between subject and object, as well as of field, because it needed an approximation some of the subjects that weave the teaching practice. The investigation has provided notice that in classes where teachers use games as a pedagogical tool, students have a little more meaningful learning.

Keywords: Educational practices. Playfulness. Mathematics teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O SURGIMENTO DO JOGO.....	10
3 O JOGO COMO ELEMENTO MEDIADOR DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	12
4 UM NOVO JEITO DE OLHAR A MATEMÁTICA.....	16
5 AS AULAS DE MATEMÁTICA DA ESCOLA MUNICIPAL RIO FUNDO III..	19
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA-CAMPO DE PESQUISA.....	19
5.2 OBSERVAÇÕES ESPECÍFICAS: AS AULAS DE MATEMÁTICA.....	21
5.3 OBSERVAÇÕES GERAIS: O CONTEXTO DA PESQUISA.....	29
6 ALGUNS JOGOS QUE PODEM SER TRABALHADOS NAS AULAS DE MATEMÁTICA.....	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
8 REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objeto de estudo as práticas pedagógicas no ensino de Matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, visto que, a Matemática é de suma importância para a formação do homem, e ela lhe oferece subsídios que serão por ele utilizados em toda a vida, já que esta está presente em seu cotidiano. Este trabalho está voltado tanto para a educação infantil quanto para os anos iniciais do ensino fundamental, pois se buscou integrar os dois níveis de ensino da escola pesquisada.

Este trabalho pretendeu investigar as práticas educativas no ensino de matemática em uma realidade escolar específica, bem como averiguar o uso dos jogos educativos nessa prática pelos professores da realidade escolar campo da pesquisa.

A escolha do tema surgiu por intermédio das aulas da disciplina *Alfabetização Matemática*, ministradas pela professora Dr^a Simone Dam Zogaib, foi a partir de suas aulas que tive interesse em buscar novos saberes sobre o assunto. Este trabalho é importante porque pode incentivar professores a rever suas práticas pedagógicas, a utilizar mais o lúdico no ensino de Matemática, em sua função de mediação no processo de ensino e aprendizagem e a aplicar em sala de aula as determinações dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN' no tocante à apresentação dos conteúdos das disciplinas que compõem o currículo escolar a partir de uma visão prática no cotidiano em que o aluno está inserido; ressaltando-se essa aplicação no ensino de matemática.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, pois está baseada na relação entre o sujeito e o objeto de estudo, bem como na pesquisa de campo, o que permitiu uma aproximação com os sujeitos que tecem a prática docente. A aproximação com esses sujeitos aconteceu na Escola Municipal Rio Fundo III, situada no município de Estância, estado de Sergipe, onde conversei com os sete professores que ali lecionam. Foram conversas informais, que me permitiram enriquecer os meus registros em diário de campo. Além disso, observei do período de 14/07/2015 a

21/08/2015, algumas aulas de matemática. Nessa perspectiva, foram elaborados três objetivos específicos, a saber:

- Observar as práticas de ensino de Matemática dos professores da Escola Municipal Rio fundo III, envolvidos na pesquisa;
- Relatar, com fulcro em teóricos consagrados, as aulas observadas;
- Identificar a presença da ludicidade nas práticas de ensino de Matemática nas aulas observadas.

Os jogos têm o poder de prender a atenção de quem joga, e com as crianças não é diferente. Jogos e brincadeiras sempre estão envolvidos nas atividades delas, visto que, a criança também aprende brincando. Pensando nisso, os jogos podem ser um rico auxílio no processo de ensino e aprendizagem, que podem ser levados à sala de aula como ferramenta pedagógica, auxiliando a construção do conhecimento. O jogo em si, mesmo não sendo utilizado como um recurso pedagógico ensina algo, pois nele já estão embutidos regras, um conceito de aprendizagem e conhecimentos.

Quando o professor envolve atividades lúdicas no dia a dia da sala de aula no ensino de Matemática, ele possibilita ao seu educando uma melhor compreensão do que para o aluno, às vezes, é tão abstrato, visto que, é em meio aos jogos e às brincadeiras que as crianças não apenas têm entretenimento e prazer, mas também podem desenvolver a socialização promovendo a interação entre os alunos, bem como desenvolvendo, em algumas situações pedagógicas, seu raciocínio lógico matemático.

Empregar os jogos/brinquedos educativos em sala de aula contribui como apoio para o processo de ensino aprendizagem, já que os jogos trabalham regras, limites, proporcionando também o desenvolvimento da criatividade, e da imaginação auxiliando as crianças a serem autônomas e resolverem situações do cotidiano, tornando-as cidadãos ativos, reflexivos e participativos em meio à sociedade.

A ludicidade no ensino de Matemática é algo relevante, pois o tradicional sistema de ensino, na maioria das vezes, induz o educando a apenas decorar

os conteúdos sem fazer com que ele tente ao menos querer aprender algo do que está sendo ensinado, levando-o, na maioria das vezes, a não gostar da Matemática. E o que o educando deve aprender é a gostar da Matemática, pois ela está presente em nosso cotidiano de formas muito simples como: número de casa, de telefone, e aplicação das operações matemáticas em situações do dia a dia, pagar certa quantia por um produto e receber o troco da compra. Cabe ao professor ressaltar a importância que a Matemática tem para a construção do conhecimento dentro e fora da escola.

Este escrito científico aborda o surgimento do jogo e a sua utilização como instrumento de mediação no processo de ensino e aprendizagem. Aborda, ainda, as reflexões a partir de meu olhar em relação à Matemática, bem como faz uma breve caracterização da escola onde observei algumas aulas de Matemática e essas aulas são relatadas com fulcro em teóricos consagrados.

2 O SURGIMENTO DO JOGO

Quando se ouve a palavra jogo, tem-se uma série de significados para essa palavra, pois, o que para determinado grupo cultural/social pode ser considerado um jogo, para outro pode não ser. Nesse viés, é difícil definir o que é o jogo. Para Kishimoto (2011) uma única conduta em diferentes culturas pode ou não ser um jogo, a depender do significado que lhe atribuem.

Os jogos têm um importante papel na vida humana, e sua história data de tempos pré-históricos; sendo considerados umas das mais antigas atividades humanas. Foram encontrados em diversos lugares do mundo e eram relativamente complexos, popularizaram-se e sendo transmitidos de geração a geração, de pai para filho, conforme Kishimoto (2011); Ainda de acordo com a autora; no Brasil, os jogos foram influenciados nas brincadeiras das crianças pelos negros, portugueses e índios.

De acordo com Alves, *“na antiguidade, o brincar era uma atividade característica tanto de crianças quanto de adultos”*. (ALVES, 2012, p. 16). Segundo Almeida (1987, p. 17, apud Alves 2012, p.16) *“nos povos egípcios, romanos e maias, a prática dos jogos era utilizada para que os mais jovens aprendessem valores, conhecimentos, normas e padrões de vida com a experiência dos adultos”*.

Percebe-se, com base nos autores citados acima, que os jogos desde sempre estão presentes na vida das pessoas, seja pra o lazer ou para transmissão de conhecimentos.

O jogo, segundo o Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras, vem a ser uma “atividade que se pratica para divertimento, uma atividade mental ou física sujeita a regras”. O jogo é algo que está presente no cotidiano das pessoas e pode-se dizer que uma das primeiras atividades realizadas pelas crianças. O jogo é algo importante para desenvolver novas habilidades, novas descobertas, novo aprendizado e também a imaginação.

Os jogos são capazes de prender a atenção de quem está jogando, e é a isto que o professor deve atentar-se, pois, ao mesmo tempo em que divertem os jogos transmitem um aprendizado, sem mesmice, sem monotonia. “[...]”

estamos começando a sair de uma visão do jogo como puro material instrucional para incorporá-lo ao ensino, tornando-o mais lúdico e propiciando o tratamento dos aspectos afetivos que caracterizam o ensino e aprendizagem como uma atividade”. (KISHIMOTO, 2011, p. 90).

Então, cabe ao professor escolher e fazer uso dos jogos que mais tenham a ver com os conteúdos ministrados em sala de aula, e utilizá-los como um auxílio pedagógico, para que suas aulas ocorram de forma dinâmica, gerando uma facilitação no ensino, visando sempre à construção do conhecimento, ao aprendizado do aluno. Os jogos educativos podem ajudar significativamente os alunos no processo de ensino aprendizagem, visto que, no próprio jogo já está embutida uma regra, um conceito de aprendizagem.

3 O JOGO COMO ELEMENTO MEDIADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Percebe-se que nem sempre os conteúdos ministrados em sala de aula são internalizados pelos alunos, pois os educandos, às vezes, têm certa dificuldade na absorção de determinados conteúdos do currículo escolar. E em se tratando do ensino de Matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças parecem ter certo bloqueio quando se trata de assimilar os conteúdos dessa disciplina. E os jogos podem ser grandes auxiliares e mediadores neste processo de ensino e aprendizagem. O Parâmetro Curricular Nacional de Matemática – PCN' nos afirmam que

por meio dos jogos as crianças não apenas vivenciam situações que se repetem, mas aprendem a lidar com símbolos e a pensar por analogia [...] ao criarem essas analogias, tornam-se produtoras de linguagens, criadoras de convenções, capacitando-se para se submeterem a regras e dar explicações. (PCN' - Matemática, 1997, p.35).

Os jogos quando escolhidos visando o desenvolvimento do aluno, tendo um cunho pedagógico, podem fazer com que os educandos, tanto da educação infantil quanto dos anos iniciais do ensino fundamental, tenham maior desenvoltura na aprendizagem.

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo. (KISHIMOTO, 1994, p. 22).

Os jogos podem ser inseridos a qualquer momento da aula, no início meio ou fim, desde que sejam empregados na tentativa de auxiliar na aprendizagem do educando. Por isso o professor deve escolher o jogo ou brincadeira a utilizar interligando-o com o conteúdo ministrado, ou mesmo, no fim da aula, na tentativa de verificar se o conteúdo foi assimilado pelo educando. Utilizando-o também como meio de introdução a um novo conteúdo.

O professor deve fazer um bom planejamento da aula que for ministrar. Pois não adianta trazer à tona, em sala de aula, metodologias lúdicas se o planejamento não é realizado ou não visa aspectos relevantes para o aprendizado do aluno.

O planejamento é de suma importância político pedagógica, pois,

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores, e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações.; (LIBÂNEO, 1994, p.222).

Um ponto que é relevante, não só para as aulas que buscam através da ludicidade no ensino de Matemática facilitar o processo de ensino aprendizagem, mas também nas aulas tradicionais, é o de que os professores não podem esquecer os conhecimentos prévios que seus alunos já trazem consigo ao ingressar na escola, pois em se tratando da Matemática, eles já chegam à escola com noções básicas dessa disciplina, as quais são vivenciadas diariamente em seu meio social e, cabe ao professor aproveitar esses conhecimentos e partir deles para que o seu aluno se desenvolva cada vez mais no que se refere ao raciocínio lógico matemático dentro e fora da escola.

Sabe-se que as aulas de Matemática, muitas vezes, assustam as crianças, por acharem que se trata de uma disciplina ruim, e também por quase sempre alguém falar que a Matemática é muito difícil. E os professores não hesitam em dizer que, agora é aula de Matemática, tratando-se esta de uma disciplina considerada muito difícil, para dar início às atividades da referida disciplina.

As aulas não precisam iniciar de maneira tradicional, não precisam acontecer de forma mecânica, elas simplesmente devem acontecer. Porque ao invés de falarem que a aula é de Matemática, os docentes não a iniciam

perguntando às crianças se elas querem participar de um jogo ou de uma brincadeira? Claro que o jogo e/ou brincadeira deve ter o cunho pedagógico e estreita relação com o conteúdo a ser trabalhado na disciplina. Partindo desta perspectiva, no decorrer da aula, a Matemática vai fluindo naturalmente, sem ninguém ficar aflito, achando que se apropriar do raciocínio lógico matemático é um “bicho de sete cabeças”, ou seja, uma apropriação impossível e que em seu bojo traz sofrimento e medo. E as crianças não são bobas, elas logo entenderão o espírito da aula. As atividades lúdicas, como os jogos e as brincadeiras envolvem os alunos e eles participam ativamente das aulas.

[...] um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver. (PCN' – Matemática, 1997, p.36).

A utilização dos jogos/brinquedos educativos em sala de aula vem a ser um método de apoio no processo de ensino e aprendizagem porque eles trabalham regras e limites, e os alunos aprenderão a lidar com essas regras e esses limites. Facilitando assim os trabalhos em equipe, a convivência entre os próprios alunos no dia a dia da sala de aula, respeitando-se, pois eles saberão que regras são regras, e quando a criança participa da construção de regras e de limites para o que quer que seja é difícil ela descumpri-los. Além disso, os jogos/brinquedos educativos fazem com que o aluno tenha maior compreensão dos conceitos da Matemática e que ele veja a matéria por outros ângulos, percebendo que os conteúdos matemáticos são importantes para o seu desenvolvimento e ampliação do seu conhecimento de mundo.

Kishimoto (2011) tece algumas considerações sobre as funções assumidas pelo brinquedo educativo

1. Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer quando escolhido voluntariamente, e
2. Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.” (KISHIMOTO, 2011, p. 41).

Tornar as aulas dinâmicas, prazerosas, de fácil entendimento para o aluno e fazer com que ele tenha melhor desempenho nas suas funções e atividades, são essas as consequências da inserção dos jogos educativos em sala de aula. Basta que o professor tenha disposição e queira renovar suas práticas pedagógicas, para que estas sejam um meio a facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é importante que o professor tenha uma formação profissional continuada, para ser efetivamente atuante na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Os professores têm um calendário e planejamento a seguir e é preciso que neste calendário e planejamento esteja incluso o lúdico, pois ele é importante para o processo de construção do conhecimento e desenvolvimento do educando, e também, para que as aulas não sejam para os educandos uma mesmice e venham a fazer com que eles percam o prazer em querer aprender.

4 UM NOVO JEITO DE OLHAR A MATEMÁTICA

As aulas do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe - UFS - me fizeram ter uma visão diferenciada sobre as práticas pedagógicas em sala de aula, principalmente, com relação ao ensino de Matemática, pois as minhas experiências em etapas escolares anteriores (na educação básica) com essa disciplina não foi muito boa, uma vez que as aulas eram muito tradicionais, e eu decorava muitas informações transmitidas pelos professores e pelos livros didáticos convencionais para lograr êxito nas provas às quais fui submetida. Aprender, ao invés de decorar, era o que deveria ser propiciado aos alunos. E vi que isso é possível durante as aulas da disciplina Alfabetização Matemática, que faz parte da matriz curricular obrigatória do curso de Pedagogia na UFS.

Encantei-me com a Matemática e percebi que ela podia ser ministrada às crianças de uma maneira mais prazerosa, diminuindo os medos e os traumas que, às vezes, por ela são causados. Não necessariamente pela disciplina em si, mas pela maneira como ela é conduzida em sala de aula. São muitas regras a decorar e nem sempre as crianças compreendem o que estão fazendo. Acredito que as crianças devem ser estimuladas e encorajadas a querer aprender, mas aprender dentro do seu tempo, do seu limite, sem deixar de ser criança, brincando, errando e buscando o acerto com o seu erro.

Quando respeito o desenvolvimento da criança, crio condições para que ela aprenda como criança. Criança aprende brincando, apoiada em sua realidade, interesse e maturação. Descobre, constrói, observa, reinventa, mas precisa experimentar, mexer, pegar, montar, sentir... . (RAMOS, 2009, p. 10).

Percebi que existe sim um novo jeito de ensinar, e esse novo jeito de ensinar envolve muitas questões com a ludicidade. Pois as atividades lúdicas podem estimular as relações interpessoais, como apontam os estudos de Alves, “a educação por meio de atividades lúdicas vem estimulando as relações cognitivas, afetivas, sociais, além de propiciar também atitudes de crítica e criação nos alunos que se envolvem nesse processo.” (ALVES, 2012, p. 21).

Por todas estas razões deve-se buscar inserir o lúdico no ensino da Matemática, visto que, a criança aprende também brincando. Almeida (1987 apud Alves 2012, p.16), “*considera que todas as crianças deveriam estudar a matemática de forma atrativa, sugerindo como alternativa a forma de jogo*”.

Para buscar alternativas que facilitem o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Matemática os professores devem renovar suas práticas educativas, conscientizando-se de que é através de sua mediação que se concretizam o fazer e o aprender de seus educandos.

[...] à medida que se redefine o papel do aluno perante o saber, é preciso redimensionar também o papel do professor que ensina Matemática [...]. Numa perspectiva de trabalho em que se considere a criança como protagonista da construção de sua aprendizagem, o papel do professor ganha novas dimensões. [...] organizador [...] consultor [...] mediador [...] controlador [...] incentivador [...]. (PCN' – Matemática, 1997, p. 30 e 31).

Utilizar a ludicidade no ensino não é só relevante para aprimorar a construção do conhecimento, como é também uma maneira de tornar as crianças autônomas, sendo esta uma das finalidades da educação (PIAGET, 1948, apud KAMII, 1990, p.33).

[...] a finalidade da educação deve ser a de desenvolver a autonomia da criança, que é, indissociavelmente, social, moral e intelectual [...] a autonomia significa o ato de ser governado por si mesmo. É o contrário da heteronomia, que significa ser governado por outra pessoa. (KAMII, 1990, p. 33).

Percebo que o lúdico nas práticas de ensino tem papel fundamental para a construção do conhecimento, para a construção do processo de ensino e aprendizagem. A utilização de jogos com a finalidade didático pedagógica deve partir do professor, e este deve tomar consciência das suas escolhas, tomar consciência de que o seu papel é mediar, orientar e organizar o ensino. “O professor é, por isso, importante como sujeito que organiza a ação pedagógica, intervindo de forma *contingente* na atividade autoestruturante do aluno”. (KISHIMOTO, 2011, p. 94).

Cabe ao professor, através de suas atitudes como educador, em sala de aula, criar condições favoráveis para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Alves,

a relação existente entre o professor e o aluno, em uma sala de aula, [...] é o passo decisivo para favorecer um ambiente socioafetivo e intelectual promissor a encaminhamentos proveitosos para a aprendizagem de qualquer que seja a disciplina ministrada, pois creio que uma mudança significativa se efetiva na mudança de relação estabelecida entre o professor e o aluno e, mais internamente, no próprio professor. (ALVES, 2012, p. 22).

Diante desse olhar sobre a prática de ensino da Matemática, escrevo a seguir sobre a observação feita por mim na Escola Municipal Rio Fundo III, no município de Estância, estado de Sergipe. Pude observar como acontecem as práticas de ensino dos sete professores da Escola e se a ludicidade faz parte do cotidiano dessas práticas.

5 AS AULAS DE MATEMÁTICA DA ESCOLA MUNICIPAL RIO FUNDO III

Em observação à escola “Municipal Rio Fundo III”, pude acompanhar durante cinco semanas, as práticas educativas no ensino de matemática dos professores desta escola. A observação aconteceu no período de 14/07/2015 a 21/08/2015. Observei questões como: horário previsto para a aula (início, meio e fim.), quanto deste tempo era realmente utilizado para as práticas pedagógicas, o material que os professores utilizavam, se o professor mostrava aos seus alunos a importância da Matemática para o seu cotidiano, se os docentes oportunizavam a seus alunos, em sala de aula (a relatar, experimentar o que aprendem etc.), momentos em que os alunos se sintam participantes ativos do processo de ensino aprendizagem, a relação interpessoal no decorrer das atividades (professor/aluno, aluno/aluno), e o mais relevante para mim, se em algum momento acontecia a ludicidade no ensino da Matemática.

Antes de adentrar nas questões que foram observadas, acredito que se faz necessária uma breve caracterização da escola campo de pesquisa.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA-CAMPO DE PESQUISA

Escola Municipal Rio Fundo III, localizada na Colônia Rio Fundo III em Estância - SE, foi fundada em 13 de abril de 1988 e deu início às suas atividades pedagógicas na residência da professora Divane Andrade Fontes e depois de um ano passou a funcionar em uma palhoça, onde os alunos sentavam-se em esteiras. Em seu terceiro ano de funcionamento a Escola mudou-se para uma casa alugada e ainda para o Depósito da Associação de Moradores do povoado. Apenas em Agosto de 1995 a Escola foi finalmente construída e inaugurada com o nome de Escola Municipal Professor Neemias Araújo de Carvalho, durante o mandato de Deisy Garcia. Segundo a diretora da Escola, Lusiê Souza de Lima, apesar de a instituição escolar ter recebido este nome, em todos os seus registros consta Escola Municipal Rio Fundo III, inclusive no ministério da Educação - MEC.

A escola teve sua primeira reforma em 1998, com a ampliação de uma sala; a segunda reforma ocorreu em Outubro de 2010, na administração do

prefeito Ivan Leite, com a construção de um muro, conclusão do bloco de banheiros, salas de aula, sala de informática, reforma da cozinha, banheiro dos professores, pátio coberto e uma área externa.

Hoje, a escola dispõe de quatro salas de aula com: carteiras, quadro negro, quadro branco, birô, armário, ventilador, lâmpadas, lixeira; uma pequena biblioteca, um laboratório de informática (que é muito pouco utilizado), uma cozinha, um pátio e corredores cobertos, uma secretaria, seis banheiros (sendo dois para uso dos professores e demais funcionários, dois para as meninas e dois para os meninos), dois chuveiros, um almoxarifado e um bebedouro.

No corrente ano, a escola conta com uma equipe de quinze funcionários sendo esses: sete professores, uma diretora, um secretário, dois guardas, uma merendeira e três auxiliares de serviços gerais. Há cento e quarenta e nove alunos matriculados.

A escola funciona atendendo as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil e o 1º ciclo do Ensino Fundamental. Na turma de três anos estão matriculados quatorze alunos. Na de quatro anos estão matriculados dezenove alunos. Na turma de cinco anos são vinte e cinco os alunos matriculados. No 1º ano estão matriculados quinze alunos. No 2º e 3º ano há trinta alunos matriculados, esta é uma turma multiseriada. No 4º ano estão matriculados vinte e nove alunos. E por fim, no 5º ano são dezoito os alunos matriculados. Os alunos têm uma faixa etária de 3 a 14 anos. Apesar de atender um aluno com necessidades especiais, a escola não conta com uma estrutura física e pedagógica adequada (possui apenas rampas).

Os sete professores da escola têm nível superior e são efetivos, apenas um é contratado. Dos sete professores quatro residem na localidade, os outros três moram na cidade de Estância. Em conversa com os docentes, pude perceber que são atuantes e comprometidos e que incentivam seus alunos a terem o hábito da leitura e a melhorarem a escrita. Aliás, nessas atividades os professores encontram maiores dificuldades por parte dos seus alunos; na leitura e escrita. E sabe-se que a matemática exige leitura para ser interpretada. Três professores disseram participar do Pacto Nacional de

Alfabetização na Idade Certa - PNAIC. Além de participarem de cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela Secretária Municipal de Educação - SME.

O perfil socioeconômico dos alunos é bem diversificado, segundo os relatos da diretora; 50% deles dependem de Programas Sociais do Governo, outros se encontram em situação de renda mínima. São alunos que em sua maioria apresentam dificuldades em realizar tarefas que envolvam leitura e escrita. Os pais possuem um grau de escolaridade baixo, isso torna o acompanhamento dos educandos parcial ou inexistente.

Segundo a diretora da instituição a escola participa dos programas: Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, Programa Mais Educação – PME, sendo ofertadas as seguintes oficinas: letramento, dança, horta e pintura; Programa Mais Cultura e Escola do Campo. Participa ainda das: Prova Brasil, Provinha Brasil e Avaliação Nacional de Alfabetização - ANA. Segundo o portal: <http://www.qedu.org.br/cidade/5502-estancia/ideb/ideb-por-escolas> o resultado do último Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, da Escola Municipal Rio Fundo III é de pontuação três o que implica dizer que a escola está em situação de alerta no tocante à desenvoltura dos educandos quanto à aprendizagem.

Cabe ressaltar, que todos os dados acima informados foram colhidos durante o período em que estive na escola a observar as práticas de ensino dos professores. Da minha observação à escrita deste trabalho, acredito que já devem ter ocorrido algumas mudanças em relação a alguns desses dados. No próximo subitem apresento minhas observações com relação às práticas de ensino.

5.2 OBSERVAÇÕES ESPECÍFICAS: AS AULAS DE MATEMÁTICA.

As aulas relatadas a seguir estão de acordo com os dias disponíveis dos professores para mim. Por isso elas não estão divididas por nível de ensino.

Apesar de acreditar na contribuição do lúdico no ensino de Matemática, nas práticas pedagógicas, sei que os ensinamentos ditos tradicionais também podem levar a criança a aprender os conteúdos que estão sendo ministrados em sala de aula. Digo isso pelo fato de que uma das professoras da escola reconheceu-

se bem tradicional em suas práticas de ensino, numa conversa que tive com ela. Ressalto assim, o que a professora me disse, como citei antes no início deste tópico.

As aulas dessa professora, professora do quinto ano, me chamaram a atenção pelo fato de que, mesmo sendo de cunho tradicional, os seus alunos participavam bem de suas aulas. Estive dois dias a observar suas aulas, o que significa dizer que assisti a cinco aulas de matemática. Na Escola Municipal Rio Fundo III, os horários eram os mesmos para todos sendo respectivamente os mesmos dias, as terças e quintas-feiras. Porém estive na escola em outros dias que não esses.

No primeiro dia em que estive a observar sua aula, ela iniciou a mesma fazendo a correção de uma atividade de casa. A professora chamava os alunos um a um para irem à lousa responder a uma questão da atividade de casa. Quando alguém errava determinada questão, ela pedia para que o aluno observasse atentamente se o que tinha feito estava correto ou não. Quando o aluno não conseguia encontrar o erro, ela se voltava para a turma e perguntava em que o colega havia errado. Em seguida, pedia que a turma o ajudasse a corrigir o erro.

Sempre que um dos alunos errava uma questão, a professora não os repreendia, mas chamava a atenção dos seus alunos para a importância da Matemática no cotidiano deles, dizendo que eles deveriam estudar mais, pois a Matemática facilitava muito a vida em muitos momentos explicando que a vida é feita de Matemática, que eles iriam utilizá-la todos os dias, pois o que aprendiam em sala de aula os acompanharia sempre. Quando ela terminou de fazer a correção das atividades juntamente com as crianças, pediu que aqueles que não estavam com a tabuada na ponta da língua (percebo aqui o ato de decorar e não de aprender), estudassem mais um pouquinho que logo ela “tomaria” a tabuada, e assim o fez.

A aula de matemática encerrou-se, naquele dia, com o “tomar” da tabuada, pois naquele mesmo dia a maior parte dos alunos da professora estava fora da sala de aula para um ensaio da banda Fanfarra. Ela me disse que depois da correção da atividade de casa o seu planejamento era abordar

novo conteúdo, mas não o fazia para não prejudicar os alunos que não se encontravam na aula por conta do referido ensaio.

Na minha segunda observação, na aula da professora do quinto ano, ela já havia iniciado o novo conteúdo, eles estavam vendo números fracionários. Ela iniciou sua aula naquele dia dando continuidade à explicação do conteúdo. Copiou algumas frases em relação ao conteúdo na lousa, bem como alguns exemplos do conteúdo. Depois, ela abriu um momento para perguntas, querendo saber quem não havia conseguido compreender o que ela havia dito. Pedia que os alunos tentassem explicar uns para os outros o que entenderam. Eles perguntaram, pediram explicação novamente. Logo em seguida, ela foi à lousa, fez um exercício de fixação para que eles copiassem em seus cadernos e respondessem o exercício proposto.

Enquanto os alunos copiavam e tentavam responder, ela passava de carteira em carteira observando se eles estavam conseguindo responder, e tirava dúvidas deles. A professora estava sempre atenta a observar quem estava sentindo mais dificuldades com o conteúdo para poder ajudar e orientar seus alunos. A aula mais uma vez se encerra com o “tomar” da tabuada.

A segunda turma que estive a observar foi a turma da educação infantil, de três anos, também chamada pela professora de maternal. Estive presente em duas das suas aulas. Antes de a aula começar, a professora me informou que divide o tempo da aula em dois momentos. Antes e depois do recreio. As crianças menores só saem do pátio até as salas de aula quando as professoras chegam e as conduzem até lá. Digo isso porque as crianças maiores adentram de imediato nas salas quando chegam à escola, mesmo que seu (sua) professor (a) não tenha chegado.

Assim que a turma entrou na sala com a professora, seus pertences foram guardados e, em seguida, a professora os orientou que brincassem com os jogos que estavam em suas mesinhas. A professora me disse que isso acontece todos os dias, que ela sempre inicia as aulas com os “brinquedos e joguinhos que têm na escola”. Tinha jogos de montar, de encaixar e, também bolas e alguns dados. Depois de algum tempo, a professora disse às crianças que era a hora de guardar todo aquele material para o momento da música. Ela

pegou duas caixas e começou a juntar tudo, e as crianças a ajudaram, colocando nas caixas o material que estavam usando.

Quando tudo já estava guardado, a professora arrumou as mesinhas e cadeiras em formato de retângulo para que todos pudessem olhar uns para os outros, e eles começaram a cantar algumas músicas. Cada um queria cantar uma coisa, mas a professora os ajudava a entrar em comum acordo.

Depois disso, a professora desenhou na lousa algumas formas geométricas, citando seus respectivos nomes. E perguntou às crianças se elas conheciam aqueles desenhos, se aqueles desenhos pareciam com alguma coisa que tinha na escola ou com algo que tinha na casa delas. A partir desse momento, as crianças foram associando as formas das figuras com os materiais que brincaram minutos antes, e com outras coisas que eles diziam ter em casa. Quando algum confundia o retângulo com o quadrado, por exemplo, a professora intervia fazendo com que a criança pensasse se realmente o exemplo dado parecia com o desenho que estava na lousa.

Em seguida a professora pediu que as crianças desenhassem em seus cadernos os objetos que tinham na sala que parecia com o círculo, com o quadrado, com o retângulo. Depois dessa atividade aconteceu o intervalo. Na volta, as crianças fizeram atividades relacionadas às figuras geométricas num livro chamado de caderno de atividades. Cada uma delas tinha esse livro com seus respectivos nomes. E dessa maneira, terminaram as atividades do dia.

O segundo dia de atividades da turma de três anos, da educação infantil, iniciou-se da mesma maneira que no outro dia, brinquedos e joguinhos, depois música. Após isso, a professora pediu a atenção da turma para contar uma historinha. Era uma história sobre os números e as cores. Depois que ela contou a historinha para a turma, pediu para que as crianças dissessem para ela se gostaram da história, e todas as crianças falaram o que gostaram e entenderam. Depois das falas das crianças, a professora distribuiu massinha de modelar para elas, pedindo que as crianças tentassem fazer os numerais com as massinhas. As crianças fizeram com prazer a atividade, dava pra ver o entusiasmo delas. Quando todas terminaram essa atividade, a professora as

levou para lavar as mãos e voltando para a sala de aula, ela entregou às crianças folhas de papel ofício para que desenhassem o que quisessem.

Assim que terminou a atividade com os desenhos, a professora entregou para cada uma das crianças, o chamado caderno de atividades, e fizeram no mesmo uma atividade com os numerais e também uma atividade de colorir, observando a numeração que estava sendo pedida. E com isso houve o término da aula.

A terceira turma que estive a observar foi a turma do quarto ano. Fiquei a observar essa turma também por dois dias. A aula de Matemática desta turma iniciou-se com uma correção do exercício de casa. A professora pedia para que cada aluno fosse à lousa fazer uma questão. Na verdade, primeiramente ela perguntava quem gostaria de responder a questão X, se ninguém se manifestasse ela apontava e dizia, vai você. Depois que todo o exercício de casa foi corrigido, a professora foi à lousa, apagou-a e copiou um exercício de revisão. Como algumas crianças demoravam a copiar, essas foram as duas atividades da aula, correção da atividade de casa e exercício de revisão.

No segundo dia de observação à turma do quarto ano, por incrível que possa parecer, ocorreram às mesmas atividades, só que numa outra ordem. Primeiramente, a professora escreveu na lousa um exercício de Matemática para casa e, em seguida, corrigiu juntamente com as crianças na lousa o exercício de revisão. E assim terminou mais uma aula de Matemática.

A quarta turma observada foi a turma do primeiro ano. Fiz apenas um dia de observação nessa turma, pelo fato de a professora ter me dito que suas aulas eram “sempre no mesmo estilo, não precisava eu assistir a mais uma aula”. A professora iniciou as atividades pedindo a ajuda da turma para reorganizar as carteiras, para que todas as crianças pudessem ficar mais próximas umas das outras. Em seguida a docente entregou para as crianças uma atividade na folha, exercícios prontos. Eles estavam trabalhando os numerais de onze a dezenove. A professora distribuía os numerais na lousa assim: dezena mais unidades. E pedia para que as crianças respondessem a atividade que lhes foi entregue desta mesma maneira, primeiramente eles

tinham que contar até dez, e depois somar com mais um, mais dois, mais três, etc.

Depois dessa atividade na folha, a professora copiou na lousa mais algumas questões e pediu que as crianças transcrevessem em seus cadernos. Por fim, ela corrigiu a atividade com as crianças e lhes entregou outra atividade pronta para que colorissem a quantidade maior que dez.

A turma de cinco anos, da educação infantil, foi a quinta turma observada, onde também estive a observar por dois dias. Nas práticas de ensino da professora dessa turma, estão envolvidas questões com atividades de folha e atividades prontas no caderno. Na primeira aula observada, a professora deu início aos seus trabalhos entregando para as crianças atividades prontas referentes aos numerais e sua escrita em seus cadernos de sala. Eles foram orientados a fazer seguindo o modelo exposto em seus cadernos.

A professora me explicou que as crianças têm o caderno que trazem de casa, e outro que ela providencia sempre antes de iniciar as aulas com a diretora, para que seja o caderno de sala, pois às vezes, algumas das crianças não levam os cadernos para a aula. Segundo a professora, possivelmente por esquecimento dos pais. E tendo as crianças dois cadernos, segundo ela, tem como controlar o tempo, já que eles estão atarefados com as atividades.

Depois dessa primeira atividade, a professora copiou na lousa algumas “continhas” de adição para que as crianças respondessem, sem precisar neste momento copiar em seus cadernos. Enquanto eles tentavam resolver as “continhas” de adição, ela recolhia os cadernos para fazer a atividade de casa. Finalizando dessa forma a aula de Matemática e o meu primeiro dia de observação à referida turma.

No segundo dia de observação, a professora iniciou a aula pedindo às crianças que abrissem os seus cadernos para copiar a atividade de Matemática. Ela copiou na lousa continhas a partir de desenhos, por exemplo, dois pirulitos mais três pirulitos, oito menos dois saquinhos de pipoca. Depois pedia às crianças para transformar os desenhos em numerais e responder a

atividade. Como as crianças demoraram a fazer os desenhos, na tentativa de fazer “bem bonitinho” como a professora queria, a aula de Matemática deste dia, iniciou e encerrou com essa atividade, bem como, a minha última observação a essa turma.

A sexta turma em que estive a observar as práticas de ensino do professor, foi a turma multiseriada do 2º e 3º ano. O primeiro momento das atividades dessa turma é destinado a fazer um momento de agradecimento, e em seguida um cumprimento aos colegas. Depois desse momento, o professor iniciou suas atividades de fato. As crianças estavam estudando, segundo o professor, noções de frações. Ele fez uma breve explicação sobre o que são frações e, em seguida, começou a dar exemplos às crianças com algumas coisas que ele havia levado para a sala, como frutas e barras de chocolate. Depois disso, o professor abriu um momento para que os alunos perguntassem e retirassem suas dúvidas, ao mesmo tempo em que pedia para que eles tentassem dar exemplos do que haviam entendido.

Nesse momento no qual o professor respondia às perguntas dos alunos, um aluno perguntou se dava pra desenhar alguma coisa pra ele entender melhor, e o professor, então, desenhou um círculo na lousa e pediu que eles imaginassem que aquele círculo era uma pizza. Depois, foi pedindo para que cada um a dividisse como quiser, a começar pelo aluno que pediu pra fazer o desenho, daí todos se animaram a ir à lousa para dividir essa “pizza”. À medida que dividiam, iam anotando em seus cadernos as frações que eram realizadas por seus colegas.

Depois disso, o professor pediu que os alunos se organizassem em grupos e lhes entregou um exercício de fixação para que respondessem. Quando os grupos terminaram de responder, o professor pediu que eles trocassem as atividades entre eles para que um grupo tentasse observar os acertos e os possíveis erros uns dos outros. Terminada mais essa etapa da atividade, eles corrigiram juntos os exercícios de todos os grupos, encerrando dessa maneira as práticas desse dia.

No segundo dia de observação à turma multiseriada, antes do início da aula o professor me informou que aquela seria uma aula de revisão, pois dali

duas semanas aconteceria às avaliações da escola e ele precisava revisar alguns conteúdos e retirar as possíveis dúvidas dos seus alunos. No início da aula o professor explicou para a turma que aquela aula seria de revisão dos conteúdos já estudados e que serviria para que eles pudessem retirar dúvidas ou mesmo relembrar os conteúdos para que realizassem uma boa avaliação.

Na primeira atividade de revisão, o professor dividiu a turma em cinco grupos e distribuiu para os grupos jogos de dominós, eram dominós de multiplicação, adição, etc. Ao mesmo tempo em que jogavam, os alunos ajudavam-se com as dificuldades em fazer as somas ou multiplicações. As crianças participavam bem da aula e sempre estavam a chamar o professor para fazer perguntas, e ele estava sempre ajudando e observando o desempenho dos seus alunos.

Depois dessa atividade, o professor organizou a turma em um círculo e com uma caixa fez um jogo de perguntas e respostas onde também havia questões para afirmar se eram verdadeiras ou falsas. Cada criança retirava um papel que estava dentro da caixa, lia e respondia, quando não sabia a resposta pedia ajuda a algum colega, e a caixa era passada adiante. Essa atividade entusiasmou bastante as crianças, que mesmo depois que todos os papéis acabaram, eles mesmos criaram novas perguntas ou mesmo pequenas contas com uma das quatro operações matemáticas para responderem. (Cabe destacar aqui o empenho e o bom trabalho docente com as práticas lúdicas disponíveis facilmente em sala de aula). E assim encerrou o primeiro dia de revisão dos alunos e o meu segundo e meu último dia de observação às práticas de ensino que eram realizadas pelo professor desta turma.

A sétima e última turma que estive a observar, foi a turma da educação infantil de quatro anos. A professora iniciou suas atividades distribuindo para a turma uma folha para colorir com balões desenhados nela, e pediu para as crianças pintarem de azul os balões maiores e de vermelho os balões menores. As crianças levaram muito tempo para terminar de colorir, e as que iam terminando essa atividade, a professora pedia para que circulasse os balões menores. E esse foi o momento Matemática do dia: maior e menor.

No segundo dia em que estive a observar a aula da professora, ela distribuiu para as crianças uma atividade de pontilhar, eram os numerais de um a cinco. Depois que eles terminaram de pontilhar ela pediu que eles copiassem nos cadernos para treinar os numerais de um a cinco. E finalizou a aula com uma atividade de colorir a maior quantidade de bolinhas numa folha de atividades que havia distribuído para as crianças.

5.3 OBSERVAÇÕES GERAIS: O CONTEXTO DA PESQUISA

A partir das observações realizadas na escola-campo de pesquisa pude perceber que cinco dos sete professores permanecem com um cunho tradicional de ensino, eles utilizam quase sempre, o livro didático, o giz e a lousa. No período observado do horário previsto para o acontecimento das aulas de Matemática, houve o cumprimento e o aproveitamento pelos professores quase que cem por cento. Poucos os professores durante as suas aulas, mostravam aos alunos a importância da matemática para o seu dia a dia. Foram poucas as oportunidades que percebi terem sido oferecidas às crianças para que tirassem dúvidas, experimentassem, falassem a respeito do que estavam aprendendo, do que estava sendo ensinado para elas.

A relação que as crianças tinham com seus professores era aparentemente uma relação boa, mas elas apenas conversavam mais com os professores para perguntar se a atividade proposta para o dia estava certa ou errada. Entre os próprios alunos, a relação era de cumplicidade, de ajuda, isso era bem notório. Tratando-se dos professores com seus alunos, percebi que eles eram próximos no sentido de serem amigos, de ter uma amizade com seus alunos, além, daquela que posso chamar de profissional.

A meu ver, ali faltava um esforço por parte do professor em envolver os seus alunos em suas práticas pedagógicas. Pois, acredito que o um professor deve esforçar-se ao máximo para que suas práticas educativas envolvam as crianças e facilitem o processo de ensino e aprendizagem, mesmo sabendo que para que tudo dê certo, o aluno tem que querer aprender, querer fazer, visto que, o educando é um coprodutor, e ele participa ativamente desse processo.

Apesar de a Escola Municipal Rio Fundo III ser pública e localizada na zona rural, percebi que ela dispõe de muitos jogos educativos, não somente matemáticos. Mas, mesmo dispondo de muitos jogos, estes são pouco utilizados pelos professores ou não são utilizados, como ressalta a diretora da escola numa conversa que tive com ela: “Fico muito triste porque a nossa escola tem tantos jogos, e os professores não utilizam com seus alunos, um ou dois ao que me lembro é que, às vezes, pegam um jogo pra alguma atividade”.

Acredito que a utilização de jogos, do lúdico, nas práticas de ensino podem propiciar grandes aprendizagens para as crianças, mesmo que elas não aprendam naquele momento o que os professores esperam, mas sempre aprendem algo novo. “Essa é a especificidade do brinquedo educativo. Apesar da riqueza de situações de aprendizagens que propicia, nunca se tem certeza de que a construção do conhecimento efetuado pela criança será exatamente a mesma desejada pelo professor”. (KISHIMOTO, 2011, p. 42).

Em conversa com os professores, busquei saber por que com a variedade de jogos que havia na escola, eles não os utilizavam em suas aulas tentando facilitar o ensino da matemática ou mesmo auxiliar na compreensão dos conteúdos. E a resposta que obtive foi a de que eles não sabiam muito bem como utilizar a maioria dos jogos, mediante a relação com os conteúdos e que por esse motivo não viam razão para fazer uso dos jogos. Imediatamente, veio-me à lembrança, que três desses professores me disseram participar de cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela SME, então, me perguntei que tipo de aperfeiçoamento seria, pois imaginei que nesses cursos de capacitação, dentre outras coisas, os professores deveriam ser aperfeiçoados a ampliar as suas práticas pedagógicas e tornar as aulas mais dinâmicas.

É importante fazer a utilização dos jogos em sala de aula como mediação em relação aos conteúdos, visto que

a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos. (KISHIMOTO, 2011, p. 42).

Os professores me relataram, ainda, que achavam interessante ter um novo jeito de ensinar, mas que na verdade, estão habituados a lidar com suas práticas educativas de maneira tradicional. Uma professora, em especial disse-me o seguinte: “minhas aulas são tradicionais mesmo, e não pretendo mudar isso. Se os meus alunos aprendem assim, não tenho porque buscar um novo método de ensino”. E realmente, a aula da referida professora é bem tradicional, porém, o que me chamou a atenção é o fato de que ela consegue prender a atenção dos alunos com seu jeito de ser, e os alunos participam bem da aula dela.

Os únicos professores, que, fugiram da linha tradicional de ensino foram uma professora da educação infantil e um professor do segundo e terceiro ano, que trabalhava com uma turma multiseriada. Nas aulas da professora, as crianças brincavam, cantavam, jogavam ao mesmo tempo em que aprendiam. A professora utilizava uma variedade de jogos de encaixe, numerais móveis e formas geométricas. Ela ensinava a Matemática sem ter que dizer aos pequenos que aquela era a aula de Matemática. A professora indagava às crianças sobre o que elas estavam aprendendo e conseguia fazer com que elas relacionassem o que aprendiam com o seu cotidiano.

Em sala de aula é preciso oferecer inúmeras e adequadas oportunidades para que as crianças experimentem, observem, reflitam e verbalizem [...] é preciso possuir uma extensa coleção de material didático apropriado, sem que este seja necessariamente caro ou impossível de se obter [...] as atividades devem ser escolhidas considerando não somente o interesse das crianças, mas também suas necessidades e o estágio de desenvolvimento cognitivo em que se encontram. (LORENZATO, 2006, p. 20).

Uma coisa que me chamou muito a atenção foi o fato de que a professora dá importância aos desenhos das crianças e essa foi uma das coisas que eu aprendi nas aulas de Alfabetização Matemática, na UFS. De acordo com Smole; Muniz (2013) deve-se aproveitar todos os momentos de aprendizado voltados tanto para a linguagem, como para a Matemática propondo situações para ambas. E era o que acontecia nas aulas, a professora

propunha diversas atividades e o desenho estava como um auxílio em meio a essas atividades propostas:

A utilização do desenho em determinadas atividades pode ser uma fonte proveitosa para que a criança se aproprie de uma maneira de representação, com o qual poderá expressar seu pensamento matemático de maneira menos formal e mais lúdica. (SMOLE; MUNIZ, 2013, p.86).

As aulas do professor da turma multiseriada também eram bem lúdicas, ele utilizava não somente os jogos educativos em sua prática de ensino, mas também dispunha de um dinamismo próprio em todas as aulas, (pelo menos as que assisti) envolvendo os seus alunos no conteúdo e fazendo com que os educandos tentassem colocar em prática aquilo que estava sendo ensinado. Ao que percebi, os alunos gostavam da aula de Matemática, da maneira como a aula era conduzida e os alunos eram participativos. Esse professor me recorda as palavras de Ramos quando nos diz que, “[...] Escolhi descobrir e compreender. Escolhi educar. Educar é promover e estimular o desenvolvimento de alguém, conduzindo esse alguém, tanto quanto possível, ao melhor dele próprio”. (RAMOS, 2009, p. 8).

Durante os dias em que estive na escola, observando as aulas de Matemática dos professores que ali lecionavam, pude perceber que a ideia de mudança na forma de ensinar é até pensada, diria até que defendida, mas não há uma concretização na defesa dessas mudanças. Percebi que levar a ludicidade para suas práticas de ensino, para cinco desses professores, é sair do comodismo, visto que, planejar e rever suas práticas de ensino dá certo trabalho. Porém, um professor que queira ter convicção de que deu o melhor de si àqueles a quem acompanha em sala de aula, deve buscar melhorias e inovações para o processo de ensino e aprendizagem, para a construção do conhecimento. Segundo Paulo Freire, “seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em um permanente processo de esperançosa busca”. (FREIRE, 2000, p.114).

Hoje, em meio a tantas transformações e tecnologias, é impossível não pensar novas práticas de ensino para as crianças, visto que, brincando, inventando e buscando o acerto, em meio a alguns erros, a criança também

aprende. Cabe ao professor levar para sala de aula a mudança, ampliar as possibilidades de aprendizagem para o educando, seja através de jogos, brincadeiras, ou outras atividades lúdicas. É ele quem deve fazer o possível para criar, reconstruir novas propostas para o ensino no seu dia a dia em sala de aula. E deve fazer isso juntamente com seus educandos, respeitando o tempo e os limites de cada um.

O dia a dia na escola precisa da ludicidade envolvida nas práticas de ensino, para que através de atividades lúdicas, as crianças possam ser encorajadas e fiquem entusiasmadas com o ensino da Matemática. É interessante que o professor transforme todos os recursos a ele disponíveis em instrumentos pedagógicos, em material de apoio, em alguns momentos construindo-os com a própria criança. “[...] A construção do material didático, muitas vezes, é uma oportunidade de aprendizagem”. (LORENZATO, 2006, p.20).

As crianças e o lúdico têm um grande envolvimento, que são parceiros de todas as horas. Desde muito pequenas, as crianças exploram o ambiente que as cerca, manipulam os objetos e brincadeiras que compõem o seu dia a dia, fazem novas descobertas, bem como desfrutam de suas descobertas. E por meio dessas descobertas as crianças vão construindo e ampliando seus conhecimentos. Geralmente os jogos e as brincadeiras estão envolvidos nesse processo, nessas descobertas.

6 ALGUNS JOGOS QUE PODEM SER TRABALHADOS NAS AULAS DE MATEMÁTICA

O PCN' de Matemática, por meio dos jogos as crianças “passam a compreender e a utilizar convenções e regras que serão empregadas no processo de ensino aprendizagem”. (PCN - Matemática, 1997, p.35). Jogos/brinquedos e brincadeiras fazem parte do mundo das crianças, e elas aprendem muito com os jogos e /ou brincadeiras, pois despertam nelas o interesse e a satisfação, podendo fazer parte do cotidiano escolar das crianças, auxiliando assim o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo o PCN de Matemática, cabe “ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver”. (PCN - Matemática, 1997, p.35). É o professor que, a partir do conhecimento que tem sobre seus alunos, sobre suas singularidades irá propor o melhor jogo e ou brincadeira para auxiliar no processo de desenvolvimento do aprendizado de seu educando.

Com base nas observações realizadas, foi possível constatar alguns jogos que podem ser trabalhados nas aulas de matemática. Claro que existem tantos outros, como apontam os estudos de ALVES (2012), porém contive-me em apenas citar estes:

QUADRO 1: JOGOS QUE PODEM SER TRABALHADOS NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Xadrez	Estimula o raciocínio lógico, ativa a concentração, aguça a memória, etc.
Jogo da velha	Estimula a atenção, ajuda a formular estratégias, faz com que o aluno conheça o conceito de linha e coluna.
Trilha da tabuada	Proporciona a aplicação do cálculo mental, resolve questões

	envolvendo a multiplicação e adição, ajuda o aluno a prender a tabuada.
Boliche com os números	Estimula a inteligência corporal, trabalha adição e subtração.
Tangram	Desenvolve o raciocínio lógico e geométrico, além de ajudar o aluno na concentração, persistência, etc.

Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/o-jogo-xadrez-no-processo-ensinoaprendizagem.htm>

[www.http://rachacuca.com.br/jogos/tags/matematica](http://rachacuca.com.br/jogos/tags/matematica)

<https://ivanalage.wordpress.com/2012/11/12/boliche-as-brincadeiras-na-escola>

<http://www.piaget.g12.br/tangram-no-integral-desenvolvendo-habilidades>

A Escola Municipal Rio Fundo III dispõe de jogos tais como: jogos da memória, dominó com números e palavras, material dourado, xadrez, jogo de perguntas e respostas, boliche, jogo da força, dentre outros. Mesmo dispondo de muitos jogos, dos sete professores que ministram aula na escola, apenas dois deles utilizam os jogos, trabalham com o lúdico em sala de aula. Os outros, vez ou outra, utilizam os jogos e quando o fazem, segundo os próprios professores são para momentos de recreação, e os alunos escolhem se querem brincar com algum desses jogos ou brincar de uma outra coisa, como futebol ou esconde- esconde, por exemplo.

Pude perceber, nas minhas observações, que as aulas dos professores que utilizam os jogos, que trabalham com a ludicidade, são bem mais participativas, visto que, os alunos aparentemente tem uma maior autonomia, perguntam mais em relação ao conteúdo, tentam tirar suas dúvidas, prestam mais atenção na aula. No caso da professora que se diz extremamente tradicional, mas que tem resultados positivos. Em suas aulas, mesmo os alunos sendo participativos, estes não têm autonomia e pelo que percebi, decoram, não aprendem a tabuada, portanto, ficam com menos possibilidades de desenvolverem o raciocínio lógico e o senso crítico.

As atividades desenvolvidas com os jogos ajudam os alunos a perceberem seus limites e os limites dos colegas, respeitando o espaço e o tempo de aprendizagem do outro, fazem com que eles se ajudem mais e tenham melhor convivência em sala de aula. Atividades assim provocam maior interesse nos alunos, fazem com que eles queiram aprender ainda mais. Percebi isso em minhas observações, vi a satisfação, o prazer das crianças ao estarem num ambiente em que estão brincando e ao mesmo tempo aprendendo novos conhecimentos, e sendo partícipes ativos no processo de ensino e aprendizagem.

O jogo, enquanto ferramenta pedagógica proporciona não apenas um ambiente agradável, prazeroso, ele ajuda a criança a desenvolver suas potencialidades e capacidades, além de favorecer a imaginação, atenção e a concentração.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos são considerados elementos culturais, eles podem ser sérios e ao mesmo tempo divertidos. Os jogos são considerados uma das mais antigas atividades humanas chegando aos dias de hoje. E podem colaborar com o âmbito educacional, visto que, podem permitir aprimorar algumas habilidades das crianças como: imaginação, valores, autonomia, concentração, etc.

O professor deve agir como um mediador no processo de ensino e aprendizagem, mas para que isso aconteça, precisa buscar conhecer várias possibilidades de trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula, e assim ir construindo suas práticas de ensino.

Na escola observada, a Escola Municipal Rio Fundo III, há no geral uma boa relação de interação entre alunos e professores, bem como aluno com aluno. Acredito que o professor deve aproveitar essa fortaleza, que é a interação entre eles, e trabalhar com o lúdico em sala de aula pensando em trabalhar também o coletivo, pois com esse coletivo busca-se inserir várias questões de aprendizagens, como por exemplo, ouvir e respeitar as opiniões dos colegas.

Com o intuito de investigar as práticas educativas no ensino de Matemática da Escola Municipal Rio Fundo III e averiguar o uso dos jogos educativos nesta prática pelos professores, procurou-se verificar se o lúdico estava presente nas práticas de ensino dos professores e foi perceptível que apenas dois dos sete professores fazem uso dos jogos, do lúdico, continuamente em suas aulas para explicação dos conteúdos e fixação dos mesmos. Nesse viés o professor é visto como mediador do lúdico e da aprendizagem em sala de aula e para além dela.

Percebe-se que, nas aulas em que os professores utilizam os jogos como ferramenta pedagógica, os alunos têm uma aprendizagem mais significativa, visto que participam melhor das aulas, têm mais autonomia e tiram dúvidas. As práticas de ensino por meio da ludicidade geram ambientes significativos estimulando maior desenvolvimento do educando e facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Acredito que o brincar e o educar podem andar de mãos dadas desde que um venha a contribuir com o outro, pois o jogo/brinquedo educativo, “apesar da riqueza de situações de aprendizagens que propicia, nunca se tem a certeza de que a construção do conhecimento efetuado pela criança será a mesma desejada pelo professor”. (KISHIMOTO, 2011, p. 42).

Ser professor não é fácil, pois é preciso estar sempre em busca de novos conhecimentos, de novas metodologias, pois não basta ensinar aos educandos a conhecer fórmulas, conceitos já prontos, é preciso fazer com que eles vivenciem a aprendizagem. Tudo isso para tentar promover o potencial dos educandos, promover suas habilidades e sensibilizá-los a buscar sempre o melhor, respeitando o outro, a essência do outro.

Penso que o professor deve esforçar-se ao máximo para que suas práticas de ensino envolvam as crianças e facilitem o processo de ensino aprendizagem, mas para que tudo dê certo, o aluno tem que querer aprender, tem que querer fazer. “A expectativa do professor ao ensinar deve ser sempre a mais alta possível. Onde cada aluno chega, sem dúvida, depende em parte dele. Mas boa parte desse processo está nas mãos do professor.” (CARDOSO; EDNIR, 2004, p. 45). O professor deve ser um mediador no processo de ensino e aprendizagem, pois o educando é também um produtor, e participa ativamente deste processo.

A ludicidade é algo que fascina o ser humano, ela é inerente, da mesma maneira que o movimento ao corpo. O erro faz parte do acerto e é também brincando que se aprende. Quanto mais a criança é estimulada, incentivada a lidar com novos desafios mais ela aprende; e os jogos e brincadeiras têm esse potencial, o de desenvolver capacidades, de estimular o raciocínio, a autonomia, a criatividade. Em sala de aula eles devem estar entrelaçados às atividades, aos conteúdos, sendo um meio alternativo que proporcione o interesse da criança. A ludicidade no processo de ensino aprendizagem é isso, é proporcionar diversas alternativas para que a criança possa o ter melhor desempenho possível em suas atividades.

Espero, com este trabalho, incentivar os professores que não utilizam o lúdico em suas práticas de ensino a reverem essa questão, e tornarem suas

aulas mais dinâmicas, prazerosas, sem mesmice, para eles mesmos e para seus educandos. Que as motivações aconteçam gerando bons frutos ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

8 REFERÊNCIAS

ALVES, Eva Maria Siqueira. **A ludicidade e o ensino de matemática**: uma prática possível, 7 ed^a. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.

CARDOSO, Beatriz. EDNIR, Madza. **Ler e escrever, muito prazer!** São Paulo, SP. Ática, 2004. (Cap. 8).

DICIONÁRIO escolar da academia brasileira de letras: língua portuguesa/ Evanildo Bechara (organizador). – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

FREIRE. Paulo, **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

KAMII, Constance, **A criança e o número**: Implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. Tradução: Regina A. de Assis. 11^a edição, Campinas, SP: Papyrus, 1990.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14^a edição. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994.

LORENZATO, Sérgio. **Educação infantil e percepção matemática**. Campinas, São Paulo, 2006.

RAMOS, Luzia Faraco, **Conversas sobre números, ações e operações**: uma proposta criativa para o ensino da matemática nos primeiros anos. São Paulo: Ática, 2009.

SMOLE. Katia Stocco. MUNIZ, Cristiano Alberto. **A matemática em sala de aula**: reflexões e propostas para os anos iniciais do ensino fundamental. Porto Alegre: Penso, 2013. (Cap. 3).

Sites consultados:

Disponível em: <http://www.qedu.org.br/cidade/5502-estancia/ideb/ideb-por-escolas>. Acesso em: 05/06/2015.

Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/o-jogo-xadrez-no-processo-ensinoaprendizagem.htm>, acesso em: 15/04/2016.

Disponível e: [www.http://rachacuca.com.br/jogos/tags/matematica/](http://www.rachacuca.com.br/jogos/tags/matematica/), acesso em: 15/04/2016.

Disponível em: <https://ivanalage.wordpress.com/2012/11/12/boliche-as-brincadeiras-na-escola/>, acesso em: 15/04/2016.

Disponível em: <http://www.piaget.g12.br/tangram-no-integral-desenvolvendo-habilidades/>, acesso em: 04/05/2016.